VI ANNO. TERÇA-FEIRA, 3 DE ABRIL DE 1866. N.º 539

O DISTRICTO DE AVEIRO

PREÇOS
ASSIGNATURA SEM ESTAMPILHA
Anno 3:200=Semestre 1:600=Trimestre 850 rs.
Cada número avulso . . . . . 40 rs.

Publica-se regularmente ás terças e sextas-feiras de tarde.
Edição supplementar em dias indeterminados.
Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração — Rua Direita.— Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador, estampilhada. — Os escriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos. — As assignaturas são pagas adiantadas.

PREÇOS
ASSIGNATURA COM ESTAMPILHA
Anno 3:800=Semestre 1:900=Trimestre 1:000
Annuncios e correspondencias, por linha 20 rs.

MUSEU AVEIRO BIBLIOTECA

Politica interna

BOLETIM

A camara electiva continúa a occupar-se na discussão do orçamento.

Nestes ultimos dias não tem havido sessões, em consequencia das festividades da semana sancta. O ultimo dia de sessão antes destas curtas ferias parlamentares foi na quarta-feira passada. Fallou sobre o orçamento o sr. A. de Serpa, e reputou-o um dos mais perfeitos que tem sido apresentados ao parlamento. Coube a palavra tambem nesta sessão ao sr. Gavicho que, depois de varias considerações, propoz, que se nomeasse uma commissão, que estudando os differentes ramos da administração apresentasse na sessão legislativa de 1867 um relatorio sobre as economias possiveis e realisaveis em todo o serviço publico.

O *Diario* publicou a lista dos reus sobre que recahiu a clemencia de Sua Magestade, como é de uso praticar-se por occasião da semana sancta.

A opposição procura por todos os modos procrastinar o momento de se passar á discussão do orçamento. E' um dos primeiros deveres de um bom governo constitucional apresentar logo no principio de cada sessão o orçamento, fazel-o discutir miudamente, com toda a madureza e descanso. Dever é tambem dos parlamentos vigiar pelo exacto cumprimento desta util prescripção. A minoria da camara electiva pensa, porém, de maneira diversa, e accusa o governo de pressuroso em passar a essa discussão.

Coherente é a minoria actual procedendo assim. No tempo em que era maioria, os orçamentos vinham sempre tarde, com rara excepção fóra já do praso legal de cada sessão, e eram discutidos apressadamente, se a estreiteza do tempo não obrigava antes as camaras a votarem ao governo uma auctorisação para perceberem os impostos, o que equivalia a uma dispensa de discussão e de exame das receitas e despezas orçadas pelos ministros.

Coherente é tambem o ministerio de hoje, e a sua maioria, procedendo inversamente. Nesse tempo era minoria, e sempre conclamou contra o systema seguido, revindicando os principios, e mostrando os inconvenientes de se não dar devido conhecimento ao paiz do estado da fazenda publica, por meio de uma franca discussão do orçamento.

O que se segue é que cada qual revella como governo ou como opposição as suas ideias. Assim deve ser. A logica é essa. O que resta é ao paiz julgar entre as ideias de uns, e as ideias d'outros; entre os que professam o systema da publicidade e da franqueza, querendo que o paiz possa avaliar os seus recursos e os seus encargos, e que legalmente se pronuncie com relação a uns e outros; — e os que, preferindo a confusão e o mysterio, pretextam que o credito se alarmaria, se conhecesse a verdade, e vão elles só, e a seu talante, dispondo da fazenda publica.

Em favor de quem será o julgamento — para que lado impenderá o fiel da balança da opinião? Basta que os motes das duas bandeiras appareçam, que se ponham em confronto as duas doutrinas. Para onde o paiz se inclinará, para quem voltará as suas sympathias, inutil é dizel-o.

Estamos em um regimen de publicidade e de franqueza. Tudo o que fôr mysterio e confusão não pode agradar, nem ser bem aceite da opinião publica. Continue portanto o governo no seu louvavel proposito de promover a completa discussão do orçamento, para que depois o adiantamento da sessão a não abrevie e precipite. E' um procedimento pouco seguido da parte dos nossos governos parlamentares. Mas por isso mesmo será mais meritorio, e melhor apreciado pelo paiz.

Lançando um olhar retrospectivo pelas medidas que teem dimanado desta sessão legislativa, encontram-se algumas dignas d'elogio, e convencidos estamos de que mui pouco se fez com que diga censura. Coube a um ministerio forte uma maioria illustrada; e o paiz que em pequeno espaço de tempo assistiu a queda de uns poucos de ministerios, vê felizmente agora á testa dos negocios publicos um governo que nasceu robusto, e cuja energia não tem diminuido um instante; pelo contrario tem crescido a olhos vista. Isto é cousa que não se póde negar com verdade. A nota de frouxo que por ahi se tem assacado ao governo desmentem-a os factos. O epitheto, que ajusta perfeitamente a algumas situações que por infelicidade do paiz se tem erguido á frente dos negocios, nestes ultimos tempos, não é de molde para classificar a que actualmente tem o leme da nau do estado. Tem-se feito muito comparativamente com o que o paiz estava avesado a receber das mãos de certos governos, que em pouco, valha a verdade, teem beneficiado a nação.

Mas, se é certo que o paiz deve dar-se os parabens por ser arrancado á lethargia em que tem jazido, certo é tambem que podia lucrar mais, se se não malbaratasse o tempo em pugnas estereis, e se os representantes do povo cuidassem mais dos negocios publicos do que de se mostrarem discursadores de folego, e mais nada.

A excessiva largueza com que se espraiam os oradores em materias que não perdiam nada se fossem tratadas com precisão e em poucas palavras, é uma das causas que contribue muito para que o paiz não colha tanto como devia e podia.

Sobre qualquer assumpto susceptivel de ser esclarecido em curto debate, ouve a camara muitos oradores que com extensissimos discursos matam a paciencia dos ouvintes e gastam o tempo, com manifesto impresso para o andamento dos negocios publicos, e muitas vezes sem proveito para a sua fama oratoria.

Os males provenientes deste prurido de discursar longamente, sente-os a nação que em vez de pagar leis, paga discursos. Haja mais zelo pelo bem publico, e ponha-se de parte a rhetorica, quando se trata dos interesses do paiz. O luxuoso e asiatico estylo não se compadece com o estado d'um paiz que precisa irremediavelmente d'economias.

Este vicio que entrou no nosso parlamento está sendo prejudicadissimo. Tem-se já algumas vezes chegado ao fim de sessões legislativas, sem que se veja cousa alguma, que os poderes publicos tenham praticado em bem do paiz. Se então se perguntar o que se tem feito, a resposta só póde ser esta: discursos.

A este proposito ponderava ha dias mui judiciosamente uma folha da capital:

«O parlamento portuguez tem um grande vicio, parte inherente ao caracter nacional, parte exagerado, ou pela inexperiencia dos estadistas, ou pela malicia dos partidos belligerantes nos congressos da nação. É a lentidão dos seus debates, a sumptuosidade asiatica dos seus colloquios, a exuberancia meridional da sua palavra, de modo que muitas vezes, ao assistir a uma sessão legislativa, mais se nos afigura aquella congregação uma disputação artificiosa de oradores n'alguma escola de Rhodes, do que um senado de republicos, que taxem as phrases, forrem o tempo e só liberalisem o patriotismo e a devoção pelos verdadeiros interesses nacionaes.

É Portugal a terra dos oradores. A eloquencia é a aspiração dos homens publicos e o despreso perpetuo do paiz. Este achaque subiu de ponto no ultimo decenio, e chegou aos extremos nestas legislaturas que rapidamente se teem succedido ha pouco mais de um anno. A assembleia consagrada ao exame severo das mais altas questões legislativas é um mercado de flores; uma academia de *beaux-esprits*, um concerto de cantores parlamentares, um senado de rhetoricos, e ás vezes uma reminiscencia vaga e saudosa daquelles tempos afortunados em que Jeronymo Vahia e soror Violante do Ceu tinham alambique de conceitos e officina de filagranas litterarias; com a differença porém que os vates imaginosos da *Fenix Renascida*, cinzelando as suas phrases e aguçando methaphoras, deixavam em paz os negocios publicos, sobre os quaes se arremeçam agora como a prea facil os sedentos dizedores que em nossos dias teem cadeira em parlamento.

A muita eloquencia mata os negocios publicos e devora o tempo. Já não somos creancinhas em regimen representativo. Era agora ensejo de tentar a sobriedade da palavra, a ver se com ella colhiamos fructos mais proveitosos para o paiz. Teriamos assim orçamento discutido em sazão propria, e provado mais uma vez que não é estadista o que falla muito e com opulencia de figuras e conceitos e allegorias e sobretudo com indomita energia de larynge, senão o que pensa muito, falla pouco, e tem em maior preço que d'elle se diga: — foi um bom cidadão, do que se affirme: foi um incansavel discursador.»

Verdadeiras e adequadas nos parecem estas reflexões. O parlamento portuguez tem este defeito, que será filho da indole nacional, e da malicia dos partidos belligerantes, e da inexperiencia dos estadistas; mas que pode tambem ser proveniente da vaidade de ostentar louçainhas forrageadas no citado Jeronymo Vahia, ou em outro que tal. A prova está em que ha oradores que não acordam os echos do parlamento, senão quando o assumpto dá margem a palavrorio pantafaçudo e retumbante. Em compensação ha deputados laconicos de mais: são os que apenas approvam ou regeitam. Parece que o *in medio consistit virtus* está soando como heresia aos ouvidos dos representantes do povo.

Sem embargo dos obstaculos que a opposição parlamentar quiz pôr á discussão do orçamento, praticando deste modo cousa de que não ha memoria nos annaes do parlamento, a lei da receita e despeza, graças á solicitude do governo, está em discussão na camara electiva.

O assumpto é realmente de tanta importancia, que se torna mister demorado e minucioso exame sobre elle. E' preciso que o orçamento seja analysado com madureza e prudencia; que se estudem as causas que tem tevado as nossas finanças ao estado pouco prospero em que se acham, e que se lhe applique remedio conveniente.

Apesar de ser evidente e reconhecermos que é para muito trabalho e para muito zelo e dedicação da parte dos poderes publicos o extinguir o cancro que corroe o nosso thesouro, confiamos em que a questão financeira, que em tão pouca monta a tem tido alguns dos nossos governos passados, ha de ser resolvida pelos actuaes governantes, porque lhes sobra talento para isso, e, como o teem mostrado muitas vezes, não lhe escassêa tambem a coragem para pôr hombros a esta difficil empreza.

Alguns membros do parlamento tem mostrado pezar de não vir agora a debate a questão das finanças em toda a sua largueza. Não era possivel que isso assim fosse. O governo precisa de pensar e meditar muito para que apresente propostas attinentes ao fim de remediar o mal da fazenda publica. O interregno parlamentar que vae succeder-se a esta sessão legislativa não lhe deve trazer descanço. Esse tempo deve o governo aproveital-o em estudar bem a questão, e em buscar os meios possiveis para a resolver do modo mais conveniente e acertado. Oxalá que não seja de ocio esse tempo, mas empregado em lida proveitosa para o paiz. Oxalá que a excellente reputação justamente adquirida, não lhe assoberbe o animo, e o entibie para continuar na senda que tão nobremente tem trilhado.

São precisos muitos esforços para vencer as difficuldades que, respeito á questão financeira, o governo tem de affrontar; mas esses esforços cabem mui bem na alçada dos talentos delle. Esperemos, pois. E no entretanto acreditamos firmemente que, senão muito breve, porque isso fôra impossivel, a questão vital do paiz ha de, ainda que com alguma demora, ser solvida de modo que a nação tenha mais uma vez occasião de conhecer o que são e para quanto valem os nossos governantes.

O *Campeão* engordou o typo das suas publicações contra o sr. Guerra Quaresma. Põe-se nas pontinhas dos pés para que o vejam, e o temam. E tempo perdido. Quando fizer ao sr. governador civil uma accusação fundamentada, ainda que seja no typo mais miudo da sua typographia, asseguramos-lhe que ha de ser ouvido. Quando se limitar a palavriado, seja em que typo fôr, perde o tempo e suja o papel sem proveito.

Um funccionario publico não se deslustra porque um gozo lhe ladra á porta; deslustrar-se-hia, se sahisse á rua a apedrejal-o, ou se recolhesse a casa mostrando temel-o. O sr. Guerra Quaresma tem bastante segurança de si para não fazer nenhuma d'essas cousas. Deixa ladrar o gozo. O que este queria era, bem o sabemos, ao menos ser apedrejado; já era uma especie de consideração, e a isso podia retorquir-se. Mas nem isso terá, póde estar certo.

Vá augmentando o typo se quizer. Cremos que nunca terá mais resposta do que o silencio do despreso.

Anda no pelourinho do *Campeão* um administrador da Pampilhosa acoimado como protector d'assassinos, reu de peita, suborno, e concussão.

Não conhecemos o aggredido, mas conhecemos o aggressor. Pelo que sabemos deste, devemos concluir que aquelle é um homem de bem.

Como se arrasaram os antigos pelourinhos das praças, documento da ferocidade dos nossos passados, elevaram-se estes pelourinhos da imprensa, testemunho da malvadez dos nossos contemporaneos. Os pelourinhos de pedra levantaram-se para expôr as cabeças dos scellerados, mas algumas vezes se viam nelles cabeças de innocentes perseguidos pela inveja e pela crueza dos maus. Por isso cahiram. Nos pelourinhos de papel põe-se a nu algumas vezes a corrupção e o crime, mas algumas outras se atassalham reputações honradas e dignas de respeito.

Estes não podem cahir, mas devem ser regenerados. Ha de ser essa a obra lenta, mas efficaz da civilisação popular.

De Sevêr do Vouga nos enviou a seguinte carta o nosso amigo o sr. Figueiredo Lobo, dirigida ao nosso collega o sr. A. F. Melicio:

«Agostinho.—Tive o gosto de lêr um artigo teu sobre finanças, no n.º 536 do *Districto de Aveiro*; acredita que fiquei de beiço caido, ao ver a tua grande saben-

---

Folhetim

A LINDA JOANNA

POR

Theophilo Gautier

VERSÃO DO FRANCEZ

(Continuado do n.º 538.)

Vou conduzil-a já á presença de sua excellencia, respondeu Jack mergulhando-se na escotilha, como um diabo d'ópera, que desapparece pelo barathro do alçapão.

Emquanto fôra Jack procurar Edith, que estava deitada n'uma simples maca na profundidade das entrecobertas, Sidney, com a frente acurvada pelos cuidados do seu intento, encaminhou-se para a recamara, por comparecer ali no mesmo ponto que a donzella.

Não foi o vulto tiritante, cuja alvura entrevira nas trevas, que se emmoldurou nos umbraes da porta do aposento aberto; foi um mancebo franzino e d'estatura meian trajando cotta e camisa de marinheiro; no feitio oval do rosto debuxavam-se por extremo pallidas as feições mimosas; reluziam febrilmente os olhos jaspeados, e escaçamente da cutis se estremava a bocca minguada das côres da vida. Por entre a sua tristeza certo enleio se entrevia, e quando Sidney ergueu para elle os olhos assomou-lhe ás faces leve rubor.

Estampou-se um ar de suspensão no rosto de Sidney, que esperava uma mulher, e via apparecer um grumete. Jack porém, que acompanhava o supposto mancebo, intendeu o pasmo, e veio pôr-lhe fim.

—Quando tirámos a senhora da agua, estava só vestida com um roupão de musselina, e como a bordo não ha sortimento de fatos de mulher, pendurei-lhe á beira da maca esta camisa de lã encarnada, e a cotta d'oleado. Aqui tem vossa excellencia porque a senhora, que pescámos, lhe apparece um lindo grumete.

— Está bem, Jack; deixa-nos agora, disse sir Arthur Sidney com signal imperioso.

Ficando só com Edith fitou nella Sidney olhos escrutadores, penetrantes como os da aguia; não era olhar, era um jorro luminoso, que atravessando o craneo ou o peito, parecia ir lá dentro buscar a ideia no cerebro, e o sentimento no coração.

Ficou Edith impassivel defrontando este exame, que por sem duvida lhe foi propicio, pois Sidney ergueu se com a grave cortezia que usaria n'um sarau, tomou-lhe a mão pelas pontas dos dedos, e disse-lhe conduzindo-a a uma ottomana abastecida de almofadas, que mobilava o fundo da recamera:

— Queira sentar-se, minha senhora; parece estar fraca e doente, e não é facil ter-se nos pés a quem os não tem de marinheiro.

E' certo que a *Linda Joanna* enfreada a preceito curveteava sobre as ondas, qual fogoso corcel, e a miude se desconcertava o livel do soalho.

Conduzida por Sidney deixou-se cair Edith no sophá.

Houve um momento de silencio, que Sidney quebrou com a voz harmoniosa e mansa, mais dulcificada ainda por um accento de compaixão.

— Não lhe perguntarei, minha senhora, se foi crime ou desespêro que a precipitou no Tamisa naquella noute de pavorosa procella; passava então por milagre um escaler pejado de individuos, que corriam açodados nas trevas para uma obra mysteriosa. A senhora caiu do céu no meio do seu segredo; por inopinado lance baldou o mais precatado plano, e viu o que a ninguem é dado ver nem contar; um golpe de remo afundava-a no rio. A minha gente só esperava o signal.

— Oh! e porque não o fez, senhor? atalhou Edith levando as mãos transparentes aos olhos afogueados.

— Não o fiz, continuou Sidney, por que houve alguma cousa que dentro em mim clamou, e affigurou-se-me que remergulhar na morte a creatura, que um asar prodigioso prendia á vida, era fria barbaridade, e uma especie d'impiedade para com o destino. Mas não devo acobertar-lhe que da existencia que lhe restitui, me é defeso deixar-lhe a livre disposição, pelo menos até ao remate da grande obra em que trabalho; o navio que nos transporta só em remotos mares surgirá. Até esse ponto estará morta para todos.

— Não receie, mylord; não tenho a peito ressuscitar.

— O traje que tomou, continuou Sidney, usal-o-ha por algum tempo. Quando for mister despil-o, eu lh'o direi. Nada tema. Mau grado nossos modos sinistros e tenebrosos, somos gente honrada, tendemos a um grande fim.

E ao proferir de taes fallas resplandeceram os olhos de Sidney, irradiou-se-lhe a fronte, illuminaram-se-lhe as feições; breve porém, —como envergonhado de tal effusão,—recolheu se ao olhar sereno, e á fria attitude:

— Confie no meu brio, senhora; não sou homem que a roubasse á morte para a infamia, e já que o assassinato ou o suicidio a lançou no rio, é forçoso emergir congraçada com a sorte e radiante; comigo ao menos serão gloriosos os perigos, e se succumbir na lida os seculos a bendiçoarão.

— Sim, sim, obtemperou Edith, agora que estão quebrados todos os fios, que me liavam á existencia, sinto que não posso viver senão para a dedicação: os meus dias findaram; não tenho já fito, nem esperança, nem razão d'existir; para mim tudo é impossivel, — até a morte, — pois suspendeu-me Deus sobre o abysmo sem me deixar submergir. Mande a sua serva. Substitua a sua vontade á minha, implante sua alma em meu coração vasio. Seja o meu pensamento; de hoje por diante me abjuro, esqueço o que fui, o que sou. Desapprenderei até o meu nome: usarei de qual quizer. Um phantasma baptisa-se como se quer; ter-me-hei de pé, e andarei até ao dia em que me disser: «espectro, já não careço de ti, torna a deitar-te na sepultura.»

— Eu te acceito, disse Arthur Sidney em tom solemne e quasi religioso, alma juvenil dilacerada, que sem reserva te votas ao intento desconhecido com ardor e fe. A' mingua de felicidade assegurote ao menos o descanso.—Começará hoje a habitar este camarote que aqui fica ao lado, e passará por moço da camara aos olhos da tripulação, que não a viram trajada de mulher.

(*Continúa.*)

ça sobre materia tão espinhosa: cuidava eu que te occupavas dos teus provarás, e de mandar em tempo competente semear alguns alqueires de milho, mas pelo que vejo, vaes muito além; és politico, és financeiro, e não sei que mais.

Como no teu artigo fazes diversas perguntas, permitte tambem que te faça uma —Acaso penteias-te—para saires nas proximas eleições pae da patria, por essa terra dos ovos moles e mexilhões?—responderei tambem—creio que sim.

Pois olha. Se tu no tal S. Bento papaguiasses o teu artigo, fazias d'uma só vez mais do que..... basta! não quero alludir a alguem, e só te digo, que continues que de cá mesmo bem merecerás da patria.

As ideias que apresentas, até onde podem ser comprehendidas pela minha limitada intelligencia, approvo-as, e se tivessemos ambos a dita de nos assentarmos nas cadeiras de S. Bento, como nos bancos da universidade, tu a papaguiar, e eu a apoiar eramos dois, e se te lembrares de lá ir, manda-mo dizer, que mais uma vez passarei pela vergonha de tentar, e não obter; mas não ia lá outro que comtigo combinasse a respeito de finanças, como eu! E' pena que lá não vamos! Continua a ficar a patria em perigo!!

Tu tens razão, quando dizes que ha empregados de mais, presumo eu; senão escuta o que te vou a dizer: Neste meu pobre concelho, lá por essas eras, que ainda não vão longe, e que são do nosso tempo, havia um só recebedor, que tudo fazia e a tudo satisfazia; e queres saber quantos empregados de fazenda por cá vão agora? Ora conta.—Ha um sr. delegado do recebedor, um sr. escrivão de fazenda, um sr. escripturario da mesma, e ainda um outro sr. adóido, que nem te sei dizer que nome tem; contastel-os? parece-me que são quatro.

Sim, são quatro sanguesugas agarradas ao thesouro, quando uma só bastaria, e ainda crescia, ao menos se fosse da laia do actual escrivão da administração deste concelho, que serve este officio, serve o da camara, é escrivão da commissão recenseadora, cobrador das congruas, e ainda é procurador das minas do Braçal, e a tudo satisfaz. Isto é que é um homem! mais é d'Albergaria! fica sabendo, a Velha!!

Eu sou amigo das acumulações dos empregos, caso o empregado possa satisfazer: não sou dos que querem essas divisões para dar de comer a muitos, nada, que assim todos ficam com fome, e um só comendo, comendo por dois, e fazendo serviço que empregaria quatro, não só fica farto, mas tambem deixa desoccupados trez para outro serviço.

E não te parece, que ao menos dois dos taes srs. empregados de fazenda neste concelho satisfariam e bem? estou que sim; e não se perde o trabalho de dois, que a desbravarem mato para semear penisco (é a mania agora deste concelho) faziam crescer a riqueza publica?

Vejo, que tambem não gostas das taes jubilações, aposentações, gratificações, e mais referidos no novo methodo, acabados em—ões—e porque se dá de comer a quem não trabalha, e tens razão: é cousa tambem da minha embirra, e tanto que em logar das restricções queria as extincções. Dar de comer só a quem trabalha, quem não trabalha porque não póde, lá está a caridade, e fôra poupado! Ora o que se impossibilita de trabalhar no serviço do estado, vá lá, já que assim o queres, mas quem entendes tu que são estes?

Em quanto o estado não poder dar pensão a todos os que servem por certo numero d'annos qualquer officio, ou mister da vida, não deve dal-a aos empregados publicos; pois que mais direito tem elles, que ganhando mais, serviram com menos e muito menos trabalho, do que o meu ferreiro? pois não serve este tambem a nação em quanto ganha o pão para os seus filhinhos, em quanto ensina a outros o seu officio? E quando cança o braço e não pode levantar o martello, não é tão digno, tendo trabalhado, em quanto pôde, todo o dia e parte da noite, toda a semana, como o professor que trabalha o mais quatro horas por dia, tem a quinta feira para descanso, as ferias do Natal, as da Paschoa e as das colheitas?

Olha, Agostinho, em dar pão a quem não trabalha, vae muito mau governo, e com quanto os empregados publicos em Portugal não sejam (como dizem) bem remunerados, todos aspiram a elles, ainda valem mais que outros empregos!

Já vez como concordamos nesta parte e concordamos n'outras, assim eu podesse ser tão lido como tu, podesse comparar orçamentos, fallar de Colbert, fallar das rainhas Annas, dos Napoleões, etc. Eu não sei onde isso se lê, nem que soubesse me chegava o tempo para tanto, mas sempre é bom e muito bom saber!

Deixemos porém isto, e continuemos a fallar do remedio das finanças, que a fallar a verdade, precisam-no energico, e não palleativo; talvez seja nó, que para se desatar necessite a espada d'um Alexandre.

Dizes tu, que explorar algumas minas por conta do estado... Aqui não convenho. Nada, nada, que trazia isso outra dóze d'empregados, commissões, relatorios, papelada suja, e palavreado gasto. Foge dessa ideia, decerto não sabes o numero d'empregados d'uma exploração; mineira, que fazendo-se por conta do estado, eram necessarios quintuplicados.

Aqui apresento eu outro arbitrio. — Mais liberdade na exploração; quero dizer, para a lavra d'uma qualquer mina não exigir tantos requisitos, engenheiros, plantas, portaria de direitos de descobridor, decretos de concessão, etc. etc., que desanimam, porque as despezas, a que a lei obriga o explorador com a incerteza do resultado, faz tremer, e não se exploram metade, das que explorariam.

Creio que sabes, que neste concelho ha duás minas em lavra, e proximamente mais; pois quando principiaram a esfossar a terra, foi sem essas restricções da lei actual, e elles prepararão as cousas de fórma, que lhes vão servindo, e muito bem.

O que te digo é, que em logar de mandar explorar minas por conta do estado, era melhor tributal-as mais: não entendo muito para as minas, que prosperam, o nosso antigo tributo — o quinto — Uma mina, que prospéra, rende muito, e eu podia citar-te exemplos d'alguns, que com uma insignificante parte n'uma das minas deste concelho pobres hontem, são hoje ricos.

Deixemos as minas, que creio, dão por ora, ao estado mais despeza, do que lucro, e que deviam dar muito lucro, por que sempre são minas!

Tributos para matar o *deficit*, não os queres tu directos; lembras-te porém dos indirectos, do vinho, e outras bebidas. Convenho; mas é necessario attender, que se tira este recurso ás municipalidades, morrem ellas á fome; e então o meio era obrigar antes as municipalidades a fazerem certas despezas, das que o estado hoje faz; ellas procurariam e recorreriam a toda a casta de contribuições indirectas. Algumas ha, a que nem já os cominhos, os cominhos tão prestadios nas dores de barriga! escapam.

Tu bem sabes, que os taes juizes ordinarios são uns bichinhos, quasi d'embirra geral. Com elles embirrou já o nosso ministro das justiças, e tem razão; mas que! Se para os matar, é necessario enterral-os, e isso custa muito, e o thesouro não pode com essa despeza mais!! Pois eu lembro um arbitrio — crear mais uma classe de comarcas, graduar os ordenados dos empregados, fazer contadores os delegados, abater-lhes no ordenado os proventos deste emprego, e obrigar as camaras municipaes a pagar-lhes o resto; assim em logar de augmentar a despeza do estado, tinhamos uma economia, e o serviço melhorado, pois que é duro fazer andar os povos por muito longe á procura da justiça! é dura a demora que se vê no julgamento dos processos, especialmente no crime!!

Apósto que não sabes, que temos uma verba da despeza, que muito diminuiria com este arbitrio, é a despeza da — santa — do sustento, que se dá aos presos pobres, e ainda a muitos não pobres: as comarcas todas vinham desta fórma a diminuir em trabalho, e os presos sendo julgados, quando devem, deixariam de estar nessas masmorras, consumindo ociosamente o preciosissimo tempo, e dispendendo com a — sancta —.

Migalhas, como dizem os meus aldeões, tambem são pão, e ainda que assim se não economisassem senão alguns contos de réis, tudo servia.

Meu Agostinho, esta já vae longa, como longo foi o teu artigo. Já não é para ser lida por qualquer empregado publico, e se alguma cousa de bom por ahi fica espalhado, lá se perde, paciencia! nós não temos culpa.

Mas não posso concluir ainda sem te dizer, que visto que tu com as auctoridades, que citas, consideras, ou comparas o estado á casa, a primeira cousa nas circumstancias, em que ella se acha, é diminuir pelas despezas: gatos, cães, cavallos, e criados de mais á rua com elles, vão, vão procurar outro modo de vida, e os que ficam, até que melhoremos, comam uma vez de menos ao dia.

Tu tens muita modestia, porque dizes eras incapaz de dar remedio a tão grande mal, o—*deficit*—, e eu creio, que se te mettessem na governança da tal casa, davas furo ao negocio; até me parece que te estou vendo de semblante carrancudo, dando pontapé n'uns, bofetada n'outros, emfim a sacudires a casa, do que ella tem de mais, e que muito, muito bem se dispensa.

Já te disse que eu e tu somos dois, e agora digo mais, que somos dois Agostinhos; vê pois se com os teus artigos te inculcas, e fazes subir, e puxas-me depois lá para sima, e deixa-nos com tal *deficit*.

Todo o caso está em perder o medo ás eleições, estas é que são o negro fantasma, que perseguem os ministros, e que os não deixam fazer, o que devem; cacheirada pois nos taes galopins eleitoraes, que vote o povo como entender, que acertará sempre, como acerta o jury, embora de laponios, quando o deixam livre.

Já ves pois tambem, que não concordo com o sr. ministro das justiças, quanto á reforma do jury: reformem-se as auctoridades, que o jury irá bem.

Adeus, que se me vae a acabar o papel, e o escrevinhar mais é um duplex de perdicio, não contando o da tinta; mas repito—apoiado, apoiado e apoiado.

Sevêr do Vouga, 24
de março de 1866.

Teu condiscipulo
Agostinho de Figueiredo Lobo.

Publicâmos em seguida a correspondencia que nos dirigiu o nosso correspondente da capital em data de 29 de março ultimo.

Não ha noticias politicas, nem corre boato algum. Os noveleiros remetteram-se ao silencio, ou por ser esta a semana sancta, na qual as attenções todas se acham presas á commemoração da paixão e morte do Redemptor da humanidade, ou por que se acham entretidos em contemplar os diversos estabelecimentos expostos ao publico, atulhados d'amendoas e muitas obras de mimo, que costumam servir de brindes nesta quadra; o que sei, é que não corre aragem alguma na região politica.

Na sessão de segunda feira, antes da ordem do dia, o sr. coronel Gustavo occupou a attenção da camara com assumptos militares: fallou largamente sobre o monte-pio militar, e a conveniencia da sua creação; descorreu sobre a melhor maneira de se fornecer o fardamento ao exercito, e concluiu manifestando ideias discentralisadoras, que são hoje mote forçado, como necessarias para o exercito no tocante á administração dos quarteis.

O sr. Salgado fallou em seguida sore o mesmo assumpto, discordando porém do seu collega em alguns pontos.

Possou-se á ordem do dia; é o orçamento que está em discussão na sua generalidade. Coube á palavra ao sr. Santos e Silva sobre a ordem. S. ex.ª apresentou um longo exordio cheio de imagens, com que costuma adornar os seus discursos. Apreciou o orçamento atravez das nevoas do affecto partidario, notando que o sr. Fontes de hontem estava em lucta com o sr. Fontes de hoje. Fallou tambem na descentralisação, que julga ser governo do paiz pelo paiz, unico que podia desenvolver e fazer caminhar o mesmo paiz. Fez tambem uma descoberta importante. Achou no orçamento sete *deficits*! A este respeito diz a *Gazeta* com muita graça, que já ha muito nos custa a supportar um, quanto mais sete!

O sr. Santos e Silva fallou toda a hora da sesão e levou a palavra para casa. Concluiu o seu discurso na sessão de terça-feira, vasando todo fel da sua critica sobre os srs. ministros da fazenda e justiça, a quem de certo não fez justiça.

O orador foi fluente, e correcto na fraze.

Em seguida coube a palavra ao sr. Serpa, digno relator da commissão. Fallou pouco, por que a hora estava adiantada e ficou com a palavra reservada; mas no pouco que disse nessa sessão, tratou de despir o discurso do procedente orador, das galas com que o adornara, reduzindo-o ás devidas proporções; curou de responder aos argumentos e reparos do sr. Santos e Silva.

Começou o sr. Serpa por dizer, que não sabia o que se pretendia, nem o que se censurava. Que se fallára na questão de fazenda, no systema que o governo seguia, mas que não tinham sido contestadas as verbas do orçamento. Entretanto o orador não quiz deixar correr á revelia as arguições feitas ao governo em relação á sua marcha governativa, e por isso mostrou que os ministros quando são chamados ao poder, não podiam, como pretendem os deputados da opposição, logo traduzir em uma série de medidas as suas ideias sobre as graves questões d'administração. Provou o sr. Serpa que o exemplo que se cita de Italia não era exacto. O orador ficou com a palavra reservada.

Houve camara dos pares na segunda feira; não se tratou porém do projecto da liberdade d'imprensa por não ter apparecido o sr. ministro da justiça, que esteve n'uma conferencia do concelho d'estado para tratar dos perdões, que se concedem pela semana santa. A camara occupou-se d'outros assumptos.

Na terça feira não houve sessão.

Na sssão de quarta feira na camara electiva, o sr. Fausto Guedes, antes da ordem do dia, estranhou que da parte da mesa se désse ordem para que os seus requerimentos pedindo varios documentos ácerca da questão Balastrini, não tivessem andamento.

O sr. secretario respondeu, que como os documentos pedidos já estavam sobre a mesa julgou ocioso dar andamento aos requerimentos do sr. Guedes.

E como o sr. Guedes tivesse dirigido algumas perguntas ao sr. ministro do estrangeiro ácerca da mesma convenção, respondeu este satisfatoriamente, manifestando ao mesmo tempo os desejos que tinha de que o assumpto Balastrini fosse discutido publicamente, e quanto aos esclarecimentos precisos para se elucidar a questão, prometteu s. ex.ª mandal-os todos para a mesa.

O sr. Carlos Bento chamou a attenção do governo sobre a necessidade da reducção dos direitos, que pagam os nossos vinhos em Inglaterra, com quem se devia fazer um tratado áquelle respeito afim de que os nossos vinhos n'aquelle paiz, d'onde os affasta a escala alcoolica, possam ser mais procurados.

O sr. ministro respectivo declarou, que compartilhava as ideias do sr. Carlos Bento, e que já tinha dado ordens verbaes e por escripto áquelle respeito ao sr. conde de Lavradio, nosso enviado, quando d'aqui partiu para o seu destino.

O sr. José Julio tambem fallou sobre este incidente, e chamou a attenção do referido ministro para a necessidade de se fazer um tratado não só com a Inglaterra, mas tambem com o Brazil ácerca dos nossos vinhos.

O sr. ministro disse, que o negocio era sem duvida importante, e que na mente do governo estava o realisar diversos tratados, e entre elles o de que fallou o sr. Julio.

Passando se á ordem do dia, o sr. Serpa continuou o seu discurso no qual se occupou de responder aos argumentos não só do sr. Santos e Silva mas aos do sr. Fradesso. E fel-o de um modo digno e illustrado: revelou mais uma vez o sr. Serpa a sua muita competencia no assumpto em discussão.

O sr. Gavicho fallou o resto da sessão; começou por nos contar a historia do nosso *deficit*, como nasceu, e como crescia de anno para anno, tomando as gigantescas proporções que hoje possue; mostrou a necessidade de impedir este augmento progressivo da divida publica, e propoz que a camara nomeasse uma commissão, que, abrindo inquerito sobre a simplificação e reforma do serviço publico em todos os ramos d'administração do estado, reducção e suppressão de quadros, reforma de emolumentos e sua incorporação nas receitas geraes do estado, e remuneração condigna do serviço publico, apresente na legislatura futura um relatorio das economias possiveis.

Continúa a generalidade do orçamento na segunda-feira. Ha ferias estes quatro dias.

— Recebeu na terça-feira pela uma hora da tarde S. M. El-Rei ao sr. D. Fernando Mangino, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de S. M. o imperador do Mexico.

— Houve no caminho de ferro de leste um desastre que podia ter mais sérias consequencias para o infeliz José Caetano trabalhador, que, abrindo inadvertidamente a porta do carro, cahiu na linha ferrea, passando-lhe os wagons por cima de uma das pernas, fracturando-a em duas partes.

— As côrtes foram prorogadas até o dia 20 do mez de abril proximo.

— Falleceu e foi enterrado no cemiterio do Alto de S. João, o par do reino o sr. conde da Taipa. Não houve convites especiaes.

— Ao sul da barra de Setubal afundou-se o brigue inglez *Promise*, procedente de Cardiff. Salvou-se a tripolação toda e alguma bagagem.

— Temos outra vez a companhia de zarzuela, e com a mui gentil senhora Zamacois. No sabbado d'Alleluia, terá logar a primeira representação no circo de *Price*.

— Enforcou-se dentro de um palheira sito na rua de S. João da Praça n.º 18, o carroceiro Miguel Henriques. Encontrou-se-lhe 144$780 rs., que foi entregue á mãe do desventurado filho.

— O objecto de todas as conversações em Lisboa, é o testamento com que falleceu o conde de Ferreira: acaso algum dos nossos leitores ou leitoras, foi contemplado com algum quociente daquella grande fortuna? Eu não apanhei nada.

— Pelo concurso de gente que vejo pela rua, deve ser muito concorrida a semana santa em todas as igrejas.

Y. Z.

Está de luto a politica absolutista de Oliveira do Bairro.

Armas em funeral! que foi *licenciado* o administrador, João de Mello, esse vulto gigante, como S. Christovão em régia procissão.

Beiças sopeadas, semblantes carrancudos, olhaduras de rancôr é o que se vê agora na fidalguia de Oliveira.

Não se póde lá ir.

Armas em funeral! que o velho soldado da golla vermelha não encontrou as moletas de 1828 para sustentar o primo administrador de concelho, ainda que pesasse na balança mais, que *os marotetes do concelho*, e sem que lhe podesse valer já o *anno do nascimento*.

Armas em funeral! que caminha para o logar do jazigo, para a eterna mansão dos finados o cadaver ascoroso da aristocracia prepotente do concelho de Oliveira.

Todos de pé, e a cabeça descoberta vejam a velha milicia como de fumo no braço, lamenta contristada a perda irremediavel do gigante, no corpo!

Está de luto a politica absolutista do concelho de Oliveira do Bairro!

Soltem os sinos seus lugubres sons na amplidão do espaço; vibrem nos ares os echos dos finados, e retumbem ao longe lamentos melancholicos do despedir da vida.

Requescat in pace!

Estrada de S. Pedro do Sul a Lamego

II

Ha um facto, que importa uma verdade essencial ao esclarecimento da presente questão — e é, que a estrada de que se trata, não é só a continuação da estrada do Bussaco, como adiante se tem feito acreditar, e sim é tambem a continuação da estrada d'Aveiro, a que vulgarmente se chama estrada d'Albergaria; de modo que, ou estas duas estradas se encontrem em Vizeu, como querem os moradores desta cidade, ou em S. Pedro do Sul, como o ordena a respectiva lei, ambas se vem a encerrar n'uma só, que, de qualquer destes pontos, irá para Lamego. Ambas estas estradas são da primeira ordem; ambas ellas tem communicação com a via-ferrea —uma na Mealhada—outra em Aveiro e por um ramal em Estarreja e mais commodamente em Cacias, onde para o futuro deverá haver uma estação; ambas, finalmente, communicam este districto de Vizeu com o d'Aveiro — aquella pelo sul — esta pelo norte.

Isto são verdades que não tem replica. Ahi estão as mesmas estradas — uma já concluida, e a outra em construcção; e pena é que não esteja finda para por si só resolver toda esta questão.

Não se trata aqui de subordinar Vizeu a S. Pedro do Sul, nem S. Pedro do Sul a Vizeu, como diz o sr. Thomaz Ribeiro. A questão não é de bairrismo, e, se o fosse, tudo fallaria a favor de S. Pedro, como a seu tempo mostrarei; e sim trata-se de saber qual destas estradas deve ser subordinada a outra. Examinaremos pois, qual dellas, depois de finda a d'Albergaria (quem adiante não olha, atraz fica) terá maior concorrencia. — se a da Mealhada, deverá encontrar-se em Vizeu e seguir d'ahi para Lamego.— se a d'Albergaria, em S. Pedro do Sul, para ir d'ahi para Lamego, porque onde ha maior, cessa menor.

E' um facto que podem negar, mas que todos sabem, que o concurso em cousas e pessoas pela estrada da Mealhada é tão pequeno, que algumas vezes não passa do serviço, e ainda ha de diminuir logo que finde a estrada d'Albergaria, por que tudo quanto do Porto e norte d'Aveiro dá hoje volta pela Mealhada para ir para Vizeu, irá depois pela estrada d'Albergaria.

Qual seja, porém, a concorrencia por esta estrada, logo que finda seja, é facil de calcular-se á vista do grande commercio que agora se faz por esses atalhos, cheios de precipicios, por onde nem cabras podem passar sem perigo, e a que, por escarneo, chamamos estradas do Rego de Chaves e Talhadas, e que todo, mas em muito maior escala, se ha de fazer pela estrada d'Albergaria, que, serpenteando as margens do Vouga, corre por paiz lindissimo, cheio d'arvoredo e de fontes e livre de ventos e tempestades — boa para transportes—melhor para viajantes e optima para passeio.

Aqui, são os pomos pendendo dos ramos, acolá as searas ondeando se nos campos, mais além os peixes saltando das aguas que chamam a nossa attenção, regalam nossa vista e dão um não sei que d'expressão e contentamento á nossa alma, que lhe diz = *Ha Deus!....*

Uma estrada assim é um canto de poesia. Se a cada passo nos demoramos para contemplar tantas maravilhas da natureza... que importa?! se tambem a cada passo temos uma fonte que nos mate a sêde, uma arvore que nos dê sombra e frescura e uma aldeia, casal ou villa que nos agasalhe. Não tememos ficar em despovoado.

Mas, dirá alguem. Qual é a causa da grande concorrencia, hoje desses atalhos chamados estradas das Talhadas e Rego de Chaves e, finda que seja, dessa estrada d'Albergaria?

Eu lh'a digo.

Pouco ou nenhum commercio fazem entre si as terras sertanejas, por que todas ellas tem, pouco mais ou menos, os mesmos objectos, pão, vinho, azeite, gados e fructas. O mesmo se pode dizer da Mealhada, Anadia, e bem assim de uma grande parte do districto de Coimbra em relação ao de Vizeu. Ferteis em si mesmo, não carecem de nós.

E' o norte do districto d'Aveiro, bem como todo o littoral desde esta cidade até á do Porto inclusivamente, quem nos gasta quasi tudo quanto nos sobra do nosso pão, vinho, azeite, gados e fructas, já por que muitas destas cousas se não produzem ali, como a castanha e a cereja, já por que é mister manter muitos mil braços, empregados na pesca da sardinha, de muitas e varias qualidades de excellente peixe e no fabrico do sal, os quaes precisam de nós, como nós precisamos delles.

Quem quizer profundar estas verdades abra os olhos e os ouvidos e veja as cargas, que, a cada instante, passam por essas já mencionadas estradas do Rego de Chaves e das Talhadas, e pergunte aos almocreves d'onde veem e para onde vão.

Não é só no gabinete que se apuram as verdades, mormente as verdades de facto, é tratando, vendo, perguntando e respondendo.

Não basta ver em Vizeu e em geral em toda a chamada — *Terra quente* — a anguia, e lingoado, a pescada, a sardinha e outro muito peixe, o sal e a louça de Aveiro e Vist'Alegre; e sim é mister saber d'onde, e por onde veio; e, para o saber melhor, é necessario visitar toda a costa maritima desde Aveiro até ao Por-

to, e ver as muitas companhas de pescadores, empregados, já no mar, já n'essa grande bacia d'agoa, formada pelo Vouga, a que chamamos ria d'Aveiro; é mister ver essas extensas marinhas de sal, e, ao mesmo tempo, a magnifica fabrica de porcellana da Vist'Alevre, e saber — aqui, para onde vae tanta louça — em Aveiro e Pardellhas, para onde vae tanto peixe — nas marinhas, para onde vae tanto sal — na Costa Nova, Torreira, Furadouro, Espinho, etc, para onde vae tanta sardinha e por onde vae tudo isto, e todos vos dirão, que a maior parte de tudo aquillo vae para Vizeu, Lamego e em geral para a — *Terra quente* — pelos caminhos das Talhadas e Rego de Chaves, que é o mesmo que dizer-vos, que ha de ir pela estrada d'Albergaria.

Perguntae, depois, para onde vae uma grande parte do nosso pão, vinho, gados e fructas, e todos vos dirão, que vae para a mesma gente, que nos manda o sal e a sardinha, a louça e o peixe.

Demais, não só Vizeu e, portanto, o paiz do Dão, mas inda Lamego e outras muitas terras farão quasi todo o seu commercio com o Porto, emporio commercial da Beira-alta, e do Minho, por esta estrada, que é uma via de communicação facil e segura mais e muito mais do que essa que se fez pelo Douro, onde a cada passo ha perigos e perdas de vidas e fazendas.

E ainda mais, esta estrada tem um porto no Vouga junto a Pecegueiro, isto é 6 legoas abaixo de S. Pedro do Sul, que a põe em communicação fluvial com a via ferrea, Aveiro e Ovar.

Ergo: a estrada d'Albergaria ha de ser uma das mais concorridas do reino e mais, e muito mais do que a da Mealhada.

E, por tanto, a estrada da Mealhada deve, como o ordena a lei, ser subordinada á d'Albergaria, pois seria um absurdo, que o maior numero d'esse volta por Vizeu para ir para Lamego.

(Continua.) *T. J.*

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Albergaria Velha

Instaurou-se neste malfadado julgado, contra alguns individuos e de differente sexo, um processo crime, o mais infame e doloso de que ha memoria nos annaes judiciaes. Não nos surprehende este inaudito proceder, por que já de ha muito sabemos que em Albergaria corre grande risco a honra, vida e propriedades dos cidadãos. Existem desgraçadamente aqui testemunhas para provar tudo quanto se possa imaginar, e ha tambem auctoridades torpes que os protegem, por que precisam d'ellas para conseguirem os seus maleficos intentos.

O processo subiu deste juizo ordinario para o juizo de direito da comarca afim de ali se confirmar o despacho de pronuncia. E' de esperar que o digno juiz de direito d'Agueda informado do trama horrivel e da má nota e caracter de que gozam as testemunhas porá termo a uma infamia, que repugna mesmo aquelles, que de dignidade tiverem apenas um vislumbre.

Este processo monstro, que só assim se póde denominar, tem por fim, além de cevar odios e vinganças mesquinhas, a consummação de roubos de importantes quantias.

O tiro ou tiros disparados no escrivão deste julgado, José dos Santos Souza, mais bem conhecido pelo alcunha de «rei de paus», deu logar ao processo a que nos referimos.

Dezejamos que seja punido o auctor, ou auctores de tão indigno attentado; mas não podemos consentir, sem levantarmos um brado de indignação, que se approveite o ensejo para, desviando o fim dos processos, punir pessoas que estão isentas de toda a cumplicidade.

Existe neste julgado uma mulher a quem um algoz (quazi todo o districto de Aveiro o conhece e despreza) pretende de ha muitos annos roubar, servindo-se para isso, umas vezes de caricias, affagos e promessas vantajosas, outras vezes de ameaças torpes e ascorosas, como torpe e ascorozo é o *personagem* que as emprega.

Esta mulher, conhecendo, ainda que tarde, as intenções do algoz tratou de o repellir, e elle despeitado, mas sem desanimar, procurou obter duas escripturas de confissões de dividas ficticias, como passadas em nome d'ella, para em occasião opportuna realisar os roubos.

O segredo que exegia o caso não pôde conservar-se por muito tempo, não obstante as escripturas serem forjadas a dez legoas distante d'aqui; e revelado que foi, o supposto credor para evadir-se á penalidade annullou por meio de uma terceira escriptura as duas primeiras e ficticias.

Custa a acreditar o que deixamos dito, porém são factos de que já ha conhecimento no tribunal de Albergaria!

O supposto credor depois da confecção da terceira escriptura ficou n'uma posição muito critica.

Tinha dois caminhos a seguir: recolher-se silencio, ou procurar por meio de prova testemunhal demandar a supposta devedora; desprezou o primeiro e trilhou o segundo; mas n'elle encontrou espinhos que a sua cegueira e ambição não pôde prever.

Suppunha a victima desprotegida, mas viu-a á sombra da protecção de um irmão e de um amigo deste, o que servia e serve de grande estorvo.

E' preciso completar-se a obra e para facilmente se conseguir ha apenas um meio: consiste elle em fazer envolver n'um processo crime a mulher e os seus dois protectores!.. Lá está pois ella e elles pronunciados em Albergaria, como mandantes, visto não ser possivel apresental-os com mandatarios, no crime dos tiros dados a José dos Santos Souza!!!...

Custa a crer que haja um homem tão torpe e tão vil, que lance mão de planos tão miseraveis.

Que appareçam tertemunhas para os pôr em execução, d'isso não nos admiramos... o ouro e os favores seduzem a muitas pessoas..... Miseraveis — O queixoso é inimigo declarado das pessoas que figuram no processo, mas não se atreveu a ser-lhes parte a fim de ser mais vigorosa a acção da justiça.

Incumbiu-se a perseguição a um sub-delegado estupido, immoral e corrupto, como é o deste julgado, João Antonio Pinto da Gama.

A razão é por que por este modo conseguem-se os planos e foge-se ás indemnisações.

Mas não são trez só os implicados: ha outros trez mais por motivos e para fins differentes.

Tudo isto repugna!

O digno juiz de direito d'Agueda não pode nem deve deixar de acabar com um tal processo.

E' critica muitas vezes a posição de um juiz; mas quando apparecem escandalos de tal ordem o magistrado não deve só ter em vista a lettra da lei, deve tambem consultar a sua consciencia e procurar, harmonisando esta com aquella, interpretar o verdadeiro sentido do legislador que nunca podia ter em vista opprimir os innocentes.

O processo por em quanto é segredo de justiça. Logo que deixe de o ser aqui nos apresentaremos para o analysarmos, bem como o caracter das testemunhas.

Este processo era necessario; sem victimas não ha tirannetes e para a desauthorisação destes é preciso que o numero d'aquellas cresça!

* * *

Actos Officiaes

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 67 de 24 de março

MINISTERIO DO REINO

Despachos para o pessoal da instrucção publica.

MINISTERIO DA FAZENDA

Despachos por decretos do mez de fevereiro ultimo.

— Venda, no dia 30 de junho, de bens pertencentes á fazenda, sitos no concelho da Ponta do Sol, districto do Funchal.

MINISTERIO DAS OBRAS PUBLICAS, COMMERCIO E INDUSTRIA

Portaria approvando um novo horario proposto pela companhia real dos caminhos de ferro portuguezes, para ser regulado de 1 de abril em diante o serviço dos comboyos nas duas linhas de leste e norte.

— Outra mandando proceder á expropriação, por utilidade publica, de um terreno sito na freguezia de Santa Christina, concelho de Condeixa, a fim de se poder construir um lanço da estrada de Thomar a Soure.

— Outra mandando proceder tambem por utilidade publica á expropriação de alguns terrenos no concelho de Villa Nova de Portimão, a fim de se poder fazer um lanço da estrada littoral do Algarve.

MINISTERIO DA MARINHA E ULTRAMAR

Decretos fazendo diversos despachos para o ultramar.

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 68 de 25 de março

FAZENDA

Venda, no dia 2 de maio proximo, de capitaes não distractados pertencentes ao districto de Vizeu.

Idem, no dia 30 de abril, de capitaes não distractados pertencentes ao districto de Coimbra.

OBRAS PUBLICAS

Nova publicação da portaria que consulta o conselho geral de obras publicas e minas, ácerca de uma ponte sobre o Tejo, por ter sahido no «Diario» de 24 do corrente com algumas inexactidões.

—Portaria approvando o projecto relativo ao lanço da estrada de Coimbra á Figueira, comprendido entre Greya e Cioga do Campo.

—Annuncio ácerca da arrematação, no dia 5 de maio, das obras do lanço de estrada a que se refere a portaria anterior.

MINISTEIO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS

Noticia de que a corte toma luto por 10 dias pelo fallecimento da rainha Maria Amelia, viuva de Luiz Filippe.

Resoluções, n.os 308, 309 e 310, do conselho geral das alfanedgas.

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 69 de 27 de março

OBRAS PUBLICAS

Portaria permittindo que a execução do novo horario, approvado por portaria de 22 do corrente, seja adiada do dia 1 de abril para 7 do mesmo mez.

Exterior

Começaremos fallando da nossa visinha Hespanha. No nosso numero passado noticiamos que na provincia de Castella-Nova tinha sido levantado o estado de sitio; hoje diremos que, sem embargo de tal medida, que significa mais tranquillo o animo do gabinete hespanhol, a imprensa periodica continua a ser espesinhada, e a pagar cara qualquer expressão que destoe aos ouvidos daquelle governo. Os jornaes ha poucos dias querellados pela auctoridade não são poucos; e nessa longa lista encontram-se alguns que não eram absolutamente contrarios á situação. No mez passado o *Leon Español* deixou de publicar-se. O fiador tanto deste jornal, como da *Democracia*, da *España* e d'outros retiraram as fianças. Os jornaes anti-ministeriaes estão, pois, a braços com grandes difficuldades. Um jornal opposicionista, *Las Novedades* para fugir ás penas excessivas que são inflingidas á imprensa, quando ella manifesta ideias hostis ao governo, em vez de publicar artigos da redacção, vae procurar materia para encher as suas columnas na *Gaceta de Madrid* que a é folha official do governo hespanhol. Desta folha extrae *Las Novedades*, por exemplo, os decretos de 28 e 30 de julho de 1854 em a rainha para condemnar o «crime commettido pelo tenente general D. Leopoldo O'Donnell, conde Lucena» e a «aberta rebelião» com que o mesmo general acabava de provar a sua «deslealdade e aleivosia» o exonerava dos seus empregos, honras, titulos e preeminencias. Além d'isto, transcreve o mesmo jornal muitos outras peças officiaes, e deste modo vae se livrando ás grandes penas que tolhem na Hespanha a livre manifestação do pensamento.

A despeito, porém, de ser a imprensa peada e agrilhoada, o ministerio O'Donnell tem ha pouco tempo mostrado que não é completamente refractario ás ideias de progresso. Os projectos de incompatibilidades eleitoraes, o regulamento do accesso e promoção dos funccionarios publicos e o da descentralisação administrativa, são uma prova do que avançámos.

Um jornal francez dizia ha dias que o partido progressista espanhol tinha andado mal em se retrahir das pugnas do parlamento, por isso que cedendo o campo á união liberal para effectuar algumas das medidas do programma do mesmo partido, se algum dia fosse chamado á direcção dos negocios publicos, poucos progressos podia já realisar.

As medidas projectadas pelo governo, como as de que agora acabamos de fallar, estão, é verdade, no cazo de não poderem ser taxadas de más; mas que contradicção, que falta de coherencia no proceder do governo! Aqui umas amostras de progresso e de liberdade; acolá, o principal esteio dos governos livres, a imprensa, a soffrer cruezas inquesitoriaes.!...

— A imprensa estrangeira continua a occupar-se das questões dos principados do Danubio e dos ducados do Elba. Differentes boatos circulam a este proposito; mas sem interesse, e que farte encontrados e contraditorios. Olhemos, pois, para outro lado.

— Na Italia a subscripção nacional prosegue cada vez em maior escala, e o enthusiasmo redobra de dia para dia. Em todos os pontos daquelle paiz está ella urganisando-se e começa de ser imposta como um dever, não a algumas pessoas, mas a todos, sendo n'este numero o mesmo governo.

A commissão central de Turim enviou ha poucos dias ao ministerio do reino uma representação, com o fim de se constituir a preceito o *consorcio*. O ministro do reino determinou dar-lhe a maior authoridade, e para isso, em logar de a reconhecer por um mero decreto, appresentou um projecto ao parlamento, que se julga que será unanimemente votado.

Este projecto tem em vista crear independente do governo uma força vital, que póde influir muito no futuro, em consequencia de riunir em si todas as opiniões no campo commum do bem do paiz. O conde Revel foi o encarregado pela commissão central de dispôr as bazes da sua administração financeira.

Em Turim e em Florença, nos bancos nacionaes destas duas cidades entraram já em deposito consideraveis quantias. Estes depositos são feitos sem condições, e a commissão central ha de ser quem mais tarde determine a applicação destes fundos.

A ideia, que primeiro existiu, do emprestimo a praso foi abandonada, adoptando-se o pensamento de associação que visa a restabelecer o credito pela gradual extincção de uma parte da sua divida.

Milão, onde parecia que este pensamento era menos bem recebido, já adheriu ao procedimento adoptado pela commissão iniciadora, e a commissão que se estabeleceu em Milão sob a presidencia do senador syndico, Antonio Besette, publicou um manifesto que contém ideias identicas aos publicados em Florença e Turim. N'este manifesto aconselha-se que é muito conveniente que cessem as controversias sobre os methodos ou fórmas, porque se pode pôr em pratica a unidade de acção, coisa indispensavel para que se colham os effeitos desejaveis.

E' de crer que esta empreza tenha bons resultados, porque unidos tão intimamente, como estão, as forças individuaes e collectivas daquelle povo, o fim ha de alcançar-se, mais ou menos breve.

— Na Inglaterra, a camara dos lords, nestes ultimos dias tem-se occupado da situação da Irlanda, e do que convem praticar para que se ponha cobro ao estado anormal daquelle paiz. A Irlanda de dia para dia toma um aspecto cada vez mais inquietador do governo inglez. A emigração cresce a olhos vista: o que por um lado se reputa occasionado pelos excessos que ali se praticam; outros, porém, e porventura os mais avisados, julgam que os irlandezes que sahem do seu paiz vão engrossar o partido fenianista na America. Este partido, consoante as ultimas noticias, celebrou um congresso em Pitsburgo, e decidiu cousas dignas de menção. Em primeiro logar accordou-se que o fenianismo não estava ligado com os partidos politicos da America; mas que estava preparado para a guerra. Discursou-se tambem a respeito da invasão do Canadá e outras colonias, e diz-se que nestes pontos já se observa grande agitação. Continúa a fazerem-se subscripções a favor da causa dos fenianos, e afirma-se que o dinheiro subscripto orça por muitos milhões de dollars.

Assevera se que ha um plano notavel, e que alguns negociantes irlandezes offereceram vapores armados á sua custa, para o corso. Os Estados Unidos mostram-se indifferentes a estas machinações. Diz-se que n'este mez terá logar uma demonstração contra o Canadá, e que este plano, submettido a um conselho, foi por elle approvado. Parece que o primeiro ataque verificar-se-ha contra Nova-Brunswich. Falla-se em assaltos a diversos pontos no alto Canadá; mas parece que se não attribue isto aos fenianos.

Na capital dos Estados Unidos repetem-se os *meetings*. Ha pouco resolveu-se n'uma d'estas reuniões mandar para a Columbia ingleza um exercito de vinte mil homens, e fazer lá um deposito d'onde se armassem corsarios contra a marinha mercante ingleza, que vai ao mar Pacifico.

O ministro inglez em Washington, segundo dizem os jornaes, fez reclamações aquelle governo á conta da execução d'estes planos, e falla-se tambem que estas reclamações tinham sido subjeitas ao conselho de ministros da republica americana, e que fôra decidido que o governo da União havia de oppôr-se á violação das leis de neutralidade.

Na Inglaterra foi recebida esta noticia com alguma agitação, porque se viu na decisão do conselho de ministros um como que reconhecimento do fenianismo.

O governo inglez oppõe-se, quanto está ao seu alcance, a estes planos, e procura frustral-os, empregando todos os meios possiveis.

— A doutrina Monroe continua a ter bastantes partidarios no congresso de Washington. Na vontade dos proselytos destas ideias o throno do Mexico já tinha ha muito baqueado, dando logar a um governo republicano. Um dos mais acirrados propugnados destas ideias, mr. Knykendall, pronunciou na camara um comprido discurso a este respeito. Este discurso é transcripto por differentes jornaes, e lémos que os principaes pontos tocados e desenvolvidos pelo orador são os seguintes: A corôa arrancada da cabeça de Maximiliano (ficando-lhe esta intacta por grande favor); sobre as cinzas do throno uma republica; e, afôra isto, um tratado celebrado com a futura republica, com o fim de se colonisarem os extensos territorios que possue, admittindo ali os libertos americanos, aos quaes serão concedidos os direitos de cidadãos do Mexico.

Estas ideias não se harmonisam demasiado com umas outras expendidas pela imprensa americana.

Na sessão em que mr. Knykendall disse isto e muitas outras cousas, todas no sentido de ser convertido o Mexico n'uma republica, um outro membro do congresso apresentou a seguinte proposta: «Considerando que o povo e o governo dos Estados Unidos da America não vêem com indifferença os patrioticos esforços que está fazendo o povo do Mexico para estabelecer e perpetuar a formula republicana; e

«Consederando outrosim que a dita republica do Mexico vae dentro em pouco emittir, por meio de seus agentes devidamente auctorisados cincoenta mil bonds de mil pesos fortes, datados do 1.º d'abril de 1866, com coupons pelo juro pagavel em ouro em Nova York, sendo o capital satisfeito no praso de trinta annos e o juro aos semestres, na razão de 7 por cento ao anno, tendo, afora isso, cada um dos bonds a assignatura do commissario, o sr. Romero;

«Resolve-se, se o senado n'isso convier, que os Estados Unidos da America garantam pelo presente acto o pagamento do dito emprestimo, com o juro que se menciona no bonds:»

Esta proposta teve incontinente protestos da parte de um deputado republicano, e, posta a a votação foi empatada por 46 votos.

Relanceando os olhos pelo estado do Mexico não se mostra aquella nação em muitas boas circumstancias. Não é porque as tropas do imperio tenham sido derrotadas, nem que os acontecimentos da guerra não lhe tenham sido favoraveis. Não é isso. E' que o thesouro publico está exhausto, e o *deficit* é espantoso. A causa desta falta de numerario é, segundo dizem correspondencias do Mexico, a prodigalidade do imperador Maximiliano. E' assim que resam taes correspondencias: «Com as vistas de alindar a sua capital, erigindo momentos e edificando palacios, mandou buscar modelos á Europa, dando ordem para se tirarem algumas vistas photographicas de Paris e outras cidades notaveis.

«As despezas que se fazem na casa imperial são maiores do que os reditos da alfandega da Vera-Cruz. Entre as despezas extraordinarias merece menção o custo de uma multidão de arvores importadas da Europa para serem plantadas em Chapultipec, como se não bastasse a plantação do Mexico.»

— Concluiremos, fallando dos Estados pontificios, e dando uma noticia que a imprensa por ora dá despida de promenores. Diz-se que o soberano pontifice convocou todos os bispos do orbe catholico para o mez de julho de 1867, epoca em que se celebra o decimo oitavo anniversario de S. Pedro.

Não se sabe ainda se esta reunião terá a feição de concilio ecumenico. A noticia é dada sem promenores, e assim a reproduzimos.

Noticiario

AOS SRS. ASSIGNANTES. — Em consequencia da solemnidade do dia não demos jornal na sexta-feira passada. Pedimos aos srs. assignantes que relevem a falta, que breve compensaremos.

Semana santa. — Decorreram os sete dias consagrados pela Igreja á commemoração dos passos principaes do cruento sacrificio do Redemptor. Foi este anno esta santa semana, em Aveiro, uma daquellas em que a devoção dos fieis mais se tem desvelado em que todas as ceremonias commemorativas d'esses passos, fossem revestidas da augusta magnificencia que lhes assignal-a a liturgia catholica.

Depois dos officios de domingo passado, de que já fallamos no nosso numero ultimo, começaram na tarde de quarta-feira chamada de trevas, os officios divinos nas igrejas que então apontamos.

Na quinta-feira-maior, ou de endoenças, não só essas, mas quasi todas as da cidade abriram as suas portas ao concurso dos fieis. Aquellas em que havia exposição, achavam-se brilhantemente ataviadas com flores e luzes, e entre essas algumas havia notaveis pelo gosto dos adornos, e profusão das luzes. Notaremos primeiro a da Vera-Cruz, que fazia um effeito surprehendente, e depois as de Sá, S. Domingos, Jesus, Sé, e a das Carmelitas, que, na sua singeleza, costuma ser neste dia uma das mais formosas.

A egreja da Misericordia estava como de costume forrada de preto, preparada para o sermão da noute, que precede a procissão. Pregou, como dissemos, o sr. padre Albino, e a procissão precorreu o transito costumado, entrando em todas as egrejas.

Os officios divinos começaram de tarde nas egrejas dos trez conventos de religiosas, e ao cerramento da noute nas das duas freguezias. De tarde era grande o concurso de gente pelas ruas, e á noute estiveram litteralmente cheias umas e outras até ao final dos officios.

No convento de Jezus houve sermão pelo sr. padre Martins.

Na manhã de sexta-feira celebraram-se as ceremonias da paixão em todas as egrejas em que houvera officios nos dias antecedentes. De tarde repetiram-se os officios que acabaram já alta noite nas egrejas de S. Domingos e Vera-Cruz, terminando em todas pelo sermão á Virgem da Soledade.

Prégou na Vera-Cruz o sr. padre Pedrosa, em S. Domingos o sr. padre Goes, em Jezus e nas Carmelitas o sr. padre José Martins e em Sá o sr. José Pinto.

No fim da missa da paixão consta-nos que tambem pregára, em Jezus, o sr. Goes.

A orchestra em S. Domingos era regida pelo sr. Pinheiro Nobre, e na Vera-Cruz pelo sr. A M. Valerio.

Nesta ultima tomava parte, como já dissemos, o sr. Filibert, cantor da opera italiana, e que, achando-se em Leiria, por obsequio a alguns individuos desta cidade, se prestou a vir aqui para esse fim.

Na quinta-feira cantou o *Christus* de Mosart, e no *Miserere* os trez versiculos *Tibi soli*, *Cor mundum*, e *Tunc imponent*, o primeiro composto por Bethoven, o segundo por Rossini, e o terceiro por Mosart, não podendo cantar a lamentação IX, como se esperava, em consequencia de difficuldades de instrumentação.

Na sexta-feira de manhã cantou o sr. Filibert o *Popule meus*, intercalando os coros o *Agios ó theos*, e á noute disse duas lamentações, uma acompanhada pela orchestra, e outra por piano e rebeca, repetindo a *laudes* os mesmos versiculos que cantara no dia antecedente.

A execução foi primorosa, e Mr. Filibert ostentou mais uma vez, entre nós, os magnificos recursos da sua voz, e do seu excellente estylo de canto.

O acompanhamento pela orchestra foi digno de louvores, principalmente na sexta-feira, e foi mais uma prova do muito que vale o sr. Valerio, como regente de orchestra. O que elle conseguiu com dois ou trez ensaios apenas, poucos o conseguiriam.

O acompanhamento feito ao piano e na rebeca pelos nossos amigos Ruy Couceiro e Elisiario Sousa merece tambem os maiores elogios.

A concorrencia nos dois dias á igreja da Vera-Cruz foi extraordinaria. Ás oito horas da noite na quinta-feira não podia já entrar-se na igreja, e na sexta-feira ás seis da tarde estava já o adro cheio de gente, esperando que se abrisse a porta, que só se abriu ás sete horas, em consequencia de se estar armando o passo de Nossa Senhora da Soledade.

Foi um verdadeiro fanatismo, que em grande parte deve attribuir-se á pompa com que n'esta igreja se fizeram todas as ceremonias religiosas, e ao piedoso respeito dos fieis pelas solemnidades destes dias, mas em que tambem tem uma boa parte — permittam-nos as nossas gentis leitoras — o attractivo da curiosidade despertada pela voz de M. Filibert.

E' certo que nos dois dias a maior e melhor parte da gente da cidade se encontrou n'esta egreja.

Devemos ainda accrescentar que era desculpavel esta curiosidade, por isso que estando nós habituados a ouvir, infelizmente, só musicas transportadas do theatro para o templo, natural parece que todos desejassem ouvir alguns trechos de musica sacra, e expressamente composta para ser cantada na egreja.

Das peças de musica executadas, nenhuma se pode dizer inferior á alta reputação de que gozam os seus auctores no mundo musical, no entretanto, apezar da grande veneração que temos pela musica do eminente Rossini, cumpre-nos confes-

sar que a que mais grata surpreza nos cadsou foi a do *Tibi soli* de Bethoven. Preferimos sempre em musica, e principalmente em musica sagrada, a melodia á harmonia, e é sobretudo aquella que se distingue n'este excelente trecho em que Bethoven se propoz exprimir o arrendimento e dôr de David.

A brilhante execução do cantor, e depois do cantor a da orchestra, tornou, nas duas noutes, este trecho, o mais bem acceite, e de certo o maior primor musical com que terão eccoado as abobadas dos nossos templos.

No sabbado d'aleluia reassumio a egreja todas as pompas festivaes para celebrar a ressureição do Salvador. E no domingo sahiu a procissão da ressureição das duas freguezias da cidade, com que terminaram, por este anno, as solenidades da Semana Santa.

Attentado.—Na sexta feira, pela uma hora da noute, dispararam um tiro quasi á queima-roupa, no sr. reitor de Sôza, que entrava na sua residencia, depois de assistir aos officios divinos.

Não se sabe por ora quaes foram os auctores deste attentado. Attribue-os a voz publica a indisposições que o sr. reitor grangeára entre os seus parochianos, não por motivos politicos, como ahi se insinuou, mas em virtude de rixas particulares e pessoaes.

A politica tem poucos dissidentes na freguezia de Sôza, e não passa d'uma torpeza mais o que ahi se disse sobre a eleição de procurador á junta geral. Nem é bem uma torpeza; é uma porcaria.

Consta-nos que o sr. reitor se acha gravemente enfermo, e que ha poucas esperanças de o salvar.

Beneficio. — Como consta do annuncio que no logar competente publicâmos, terá logar ámanhã, quarta feira, o beneficio de mr. Filibert.

Tomam parte nelle, por obsequio alguns curiosos, e procura por todos os meios o beneficiado compor o espectaculo de modo que contente o publico.

A reputação de mr. Filibert faz esperar que o beneficio seja concorrido pelo publico desta cidade, que mais de uma vez já tem tido occasião de applaudir o distincto cantor.

Assassinato e roubo.—Na noute de sexta-feira para sabbado da semana passada foi assaltada a casa da Varzea da Candosa, pertencente ao sr. visconde de Almeidinha, e roubado e morto o sr. padre José d'Annunciação Portugal, que n'ella se achava de passagem.

Parece que cerca da meia noute trez homens mascarados lhe penetraram no quarto, e depois de roubarem o que acharam, lhe deram dois tiros no lado esquerdo, e á queima roupa, de que falleceu horas depois!

Escasseiam-nos os pormenores deste lamentavel acontecimento. As informações que por em quanto temos recebido são confusas, e apenas dão como certo o roubo e o assassinato, mas o que se induz de algumas circumstancias que se mencionam, o crime foi praticado de modo que deve accreditar-se que não foi só a sede do ouro que o occasionou. Mais tenebrosos designios se lhe aventam.

O sr. padre Portugal faz falta á sua familia, de quem era desvelado protector, e aos seus amigos, que tinham na mais elevada conta a sua honradez e dedicação desinteressada. Para o nosso particular amigo o sr. visconde de Almeidinha, o sr. Portugal não era só procurador, era amigo affectuoso e dedicadissimo. Acompanhamos a s. ex.ª na dôr que este acontecimento lhe causa, e em que tomamos parte por s. ex.ª e por nós.

A morte do sr. padre Portugal tem sido aqui geralmente sentida, e estes dias tem sido quasi o exclusivo assumpto de todas as conversações.

Feira de Março. — Começou no domingo esta feira que este anno deve antes chamar-se d'abril.

A feira está sobejamente concorrida de vendedores, mas escasseiam os compradores, e ha notavel desiquilibrio entre a offerta e o pedido.

Para isto é possivel que concorra o tempo, que tem estado horrivel ha dois dias.

A camara assustou-se da outra vez com a chuva, e transferiu a feira. D'ahi resultou não haver mais chuva, porém agora vê-se que era já com a intenção de reapparecer logo que a feira começasse. Foi o tempo que quiz pregar á camara uma pirraça completa. O peor é serem os feirantes victimas d'ambas: das tolices da camara, e das pirraças do tempo.

Parece que tudo se conspira para acabar com a feira, e decerto, se as cousas continuarem assim, poucos mais annos terá de vida.

Correio da Capital

(Do nosso correspondente)

Lisboa, 2 de abril

Como o vosso jornal não saiu á luz da publicidade na sexta-feira ultima por ter sido dia santificado, a nossa ultima correspondencia deixou de ser publicada. Esta portanto vae como um *post scriptum*, porque n'ella pouco tenho que dizer aos leitores. A semana foi escassa.

As festas da semana santa foram solemnisadas com pompa e esplendor em varias egrejas da capital. Quasi que se póde dizer que correu tudo em socego.

Houve grande concorrencia de povo; as filhas d'Eva todas estavam de preto; é a *toilette* que fica bem a todas as fisionomias, e a todas as côres! Damas houve a quem lhe ficava o vestuario preto mesmo a matar. Tambem vos digo, que, sendo Lisboa a terra classica de mulheres feias, fiquei abismado de ver durante a quadra da paixão do Redemptor, milhares de caras bonitas; não sei se vieram á capital algumas das nossas leitoras provincianas; talvez fosse do vestuario; não... effectivamente aquellas bellezas eram reaes! Seja o que fôr, o que sei, é que o Creador do universo foi adorado em muitas das suas creaturas cujas formusuras endoudeciam de amor!!

Declaro desde já que não fiz mais do que admirar as bellezas que passavam.

Acabou a festividade ou a solemnisação dos mais augustos e grandiosos misterios da nossa santa religião; durante aquella quadra houve ferias em ambas as casas do parlamento; não ha pois noticias parlamentares.

Surgem outra vez boatos de recomposição ministerial: Diz-se que o ministro da fazenda passará para a pasta do reino; o do reino ficará sem pasta presidindo, o sr. Corvo entrará para as obras publicas, e o sr. Martens Ferrão para a fazenda, entrando o sr. Mattos Correia para a marinha. Outra edicção porém reza que entrará para a fazenda o sr. Casal, para a marinha o sr. Serpa ou o sr. José Luciano de Castro. Ha porém quem affirme que sahirão todos os ministros, ficando como casco o sr. Fontes, que se ligará com o sr. duque de Loulé para a formação do novo gabinete. Não será nada d'isso certo, mas ahi ha o quer que é.

Aguardemos os factos; o que fôr soará.

Na folha official lê-se o seguinte: Decreto dando por expiada ao juiz de direito Gonçalo Tello de Magalhães Collaço a pena de suspensão por tempo indeterminado que lhe foi imposta por accordão da relação de Lisboa de 9 de fevereiro de 1844.

—Transferindo o sr. dr. Alexandre Meirelles de Tavora do Canto e Castro, da comarca de Timor para delegado do procurador da corôa e fazenda na comarca de Cabo Verde (Barlavento).

Nomeando o sr. dr. José Manoel Chrispiniano da Fonseca Junior delegado do procurador da corôa e fazenda na comarca de Quelimane.

Nomeando o sr. dr. Caetano de Sousa e Vasconcellos delegado em Moçambique para o logar de juiz de direito substituto de Loanda.

— Falleceu e foi sepultado no cemiterio dos Prazeres a sr.ª marqueza de Niza, D. Thomazia. Era mãe do sr. marquez de Niza, e tinha 73 annos de idade.

— São considerados suspeitos de cholera morbus os portos de Nantes e Saint Nazaire.

— O sr. ministro da guerra Salvador Pinto da França continua gravemente doente. Ultimamente tornou-se assás melindroso o seu estado, o qual dá serios cuidados aos seus amigos. S. ex.ª foi para Lumiares, afim de procurar algum alivio aos seus padecimentos com a mudança de ares.

— Chegou a esta capital, vindo no vapor inglez *London* o ministro plenipotenciario da Belgica nesta corte.

— Continua na sessão de hoje a discussão do orçamento na sua generalidade

— Temos outra vez mau tempo.

Y. Z.

Annuncios

A camara municipal de Vagos, põe em praça, e arrematação as rendas municipaes deste concelho no dia 22 d'este mez de abril, pelas 9 horas da manhã; a saber:

5 réis em quartilho de vinho, 5 réis em quartilho de águardente, 5 réis em alqueire de sal, 40 réis em cada carrada de estrume curtido, 160 réis em cada barco de moliço ou moinha, e 80 réis em cada bateira dos mesmos objectos, na razão de 20 réis cada carrada.

A renda dos carros tanto do concelho, como de fóra na fórma das condições da arrematação. A renda, ou apanha do berbegão.

O que melhor constará das condições da praça.

Livraria de

JOÃO DA SILVA MELLO GUIMARÃES

Na Rua Direita em Aveiro

	Réis
O JUDEU, romance historico por Camillo Castello Branco, 2 vol.	1$000
O FILHO DO BALDAIA, romance historico por Arnaldo Gama, 1 vol.	600
DEFEZA DO RACIONALISMO OU ANALYSE DA FE, por Pedro Amorim Vianna, 1 vol.	1$000
VIDA E MILAGRES DO THAMATURGO LUSITANO SANTO ANTONIO, por Antonio Joaquim d'Almeida, 2.ª edição, 2 vol.	500
CODIGO DAS CONTRIBUIÇÕES DIRECTAS, por José da Costa Gomes, 1 vol.	1$200
MANUAL DO DIREITO ADMINISTRATIVO PAROCHIAL, por Antonio Xavier de Souza Monteiro, 1 vol.	200
GUIA DO PAROCHO OU MANUAL COMPLETO DAS OBRIGAÇÕES, DIRECTAS E PRIVILEGIAS DOS PAROCHOS, 1 vol.	600
O GENERAL D. JUAN PRIM EM LISBOA, QUESTÃO INTERNACIONAL, 1 vol.	240

OS SERÕES JOVIAES

PUBLICAÇÃO SEMANAL ECONOMICA DOS MELHORES ROMANCES DE PAULO ED KOCK

Está-se publicando **O barbeiro de Paris**, e já sairam á luz as folhas 13 a 14, continuando a sair regularmente 2 folhas por semana, ou 32 columnas de materia compacta, pelo preço de 20 réis por cada folha.

Acham-se já publicados os seguintes romances: **Uma mulher de tres caras**—Um vol. de 184 pag. e 5 estampas, preço por assignatura 510, avulso 600 rs. — **A casa branca** — Um vol. de 180 pag. e 8 estampas, preço por assignatura 520, avulso 600 rs. — **A Lagoa de Auteuil** — Um vol. de 200 pag., preço por assignatura 520, avulso 600 rs.

Vendem-se e assigna-se para qualquer destes romances na rua do Caldeira n.º 17, rua Augusta n.os 31, 50, e 77, rua Direita de S. Paulo n.º 204.

No Porto e Coimbra, na livraria Moré, em Aveiro na typographia do *Districto*. Nas provincias e ilhas adjacentes, 8 folhas custarão 200 réis—16 folhas 400 reis—32 folhas 800 réis.

No Brazil e colonias portuguezas, 40 folhas custarão 1$200 réis—80 folhas 2$400 réis (moeda forte).

A empreza offerece dez por cento de commissão, a todas as pessoas das provincias, ilhas e Brazil, que desejarem ser seus correspondentes, devendo dirigir-se para esse fim a Joaquim José da Fonseca & C.ª rua do Caldeira, 17, Lisboa.

As pessoas, que subscreverem com 8 exemplares, teem direito a um exemplar gratis, e as que subscreverem com 16, dois gratis, e assim successivamente.

N. B. *As pessoas d'este districto, que desejarem subscrever para esta curiosa obra, podem dirigir-se a—João Antonio Baranda, correspondente da empreza n'esta cidade, ou ao emprezario, na rua do Caldeira n.º 17 — Lisboa.*

QUARTA FEIRA 4 — ABRIL 1866

THEATRO DOS ARTISTASA VEIRENSES

Beneficio do artista da opera italiana

MR. FILIBERT

Em que tomam parte por obsequio alguns cavalheiros d'esta cidade.

1.º Abertura instrumental por a orchestra.

2.º Uma aria da opera de VERDI:

ATILA

3.º A comedia em um acto:
Uma criada impagavel.

4.º Aria da opera de VERDI:

HERNANI.

5.º A comedia em um acto:
Um marido victima das modas.

6.º Aria da jocosa opera de ROSSINI

O BARBEIRO DE SEVILHA.

N. B. As peças executadas por Mr. Filibert, serão acompanhadas por a orchestra dirigida pelo sr. A. M. Valerio.

Principia ás 8 horas,

ANTIGA LOJA DE A. PINHEIRO & C.ª

Arcada da Praça n.º 13—na feira a primeira da rua dos Capelistas

Recebeu um novo e variado sortimento de fazendas da estação; alpacas, merinós, poils de chaivre, para vestidos; chales modernos; casemiras para capas de senhora; pannos e casemiras para fatos de homens; chitas francezas; quinquilharias, guarnições, bordados; calçado de Lisboa etc.

No dia 10 de abril proximo, pelas 10 horas da manhã, á porta da delegação da alfandega do Porto em Aveiro, haverá leilão dos fragamentos da barca ingleza ATLANTIC, naufragada na Torreira no dia 11 do corrente mez, que constam de diversas madeiras, mastros quebrados, vergas, uma porção de velame, massame, poliame, cavilhas de ferro, de cobre e de metal amarello; uma lancha, um bote e diversos objectos, pertencentes ao casco do referido navio.

Delegação da alfandega do Porto em Aveiro, 28 de março de 1866.

O 3.º official servindo de escrivão

João de Mello e Freitas,

O Leão de Castella

FABRICA DE LUVAS

O dono desta fabrica participa aos srs. feirantes que tem um sortimento de luvas desde 240 réis até rs. 1$200 o par e outros objectos. A sua barraca é conhecida na feira por uma bandeira hespanhola. (1)

Prevenção

Maria Augusta faz publico, para os devidos efeitos, que em um dos dias da semana proxima transacta entraram em sua caza e de sua tia Maria das Neves, do logar de Paus, freguezia de Alquerubim—dois individuos—do mesmo logar e freguezia para extorquirem com ameaças as mais torpes, á dita sua tia escripturas de confissões de dividas, que não existem, nem nunca existiram.

A annunciante, como sua tia vive unicamente com uma creada, e como seja mulher de edade summamente avançada e bastante timorata, previne, que qualquer titulo de confissão de divida, venda, ou outra qualquer transacção que appareça, como passado em nome da referida sua tia Maria das Neves, e que não seja em beneficio da annunciante, deve ser reputado com falso, ou como obtido por meio de coacção.

ATTENÇÃO

No unico deposito em Lisboa pertencente á Empreza da Real Fabrica de Vidros da Marinha Grande, na rua de S. Paulo n.º 70 e 72, se vende muito superior vidraça, (clara, e com bom corte, garantindo-se a conservação da sua boa côr, e brilhantismo por ser manufacturada com lenha) a 160 réis o kilo, vidros cortados por preço commodo, e crystal fino, superfino, vidro ordinario pelos antigos preços da mesma fabrica, com descontos muito favoraveis para os encommendatarios segundo as compras que fizerem. — Recebem-se encommendas para o Porto e provincias, obrigando-se a empreza a mandar fazer os transportes pelos caminhos de ferro á sua custa até ás estações que mais conveniencias façam aos encommendadores. (2)

Antonio da Costa Moreira e mulher D. Rosa Angelica da Motta Moreira, da cidade do Porto, fazem publico, por este meio, que pelo juizo de direito da comarca da Feira e escrivão Ribeiro Pereira, promovem, a interdicção de sua sogra e mãe D. Maria Ignacia Pinto da Motta do logar de Villa-Boa, da Villa da Feira, por ter no estado de viuva desbaratado sem razão seus bens, e assim estar comprehendida no preceito da Ord, 1. 4. tit. 107: e como a requerida succedeu ha pouco na herança de seu filho José Bento Pinto da Motta, fallecido no imperio do Brazil, a qual ainda se não liquidou, é mister prevenir a todos que não contratem com a mesma requerida, quer sobre a dita herança, quer sobre outra qualquer cousa do seu patrimonio, e que os annunciantes protestam invalidar qualquer contrato que faça a dita sua sogra e mãe, por não ter capacidade civil. (1)

Pelo juizo de direito desta comarca, vae requerer o dr. Francisco Antonio Rezende, inventario e contas para partilha dos bens que ficaram por fallecimento de seu tio Bento dos Santos Ventura, e rendimentos desde o fallecimento deste, tudo ainda em poder de seu irmão José Antonio Rezende.

O que se faz publico para que ninguem ignore os encargos que oneram os referidos bens, nem sobre elles contrate ou faça qualquer transação.

Aveiro 1 de abril de 1866.

Quem pretender comprar uma morada de cazas sitas nas Cinco Ruas d'esta cidade, que foram do fallecido doutor Francisco José d'Oliveira Queiroz, póde entender-se com João José dos Santos Machado, d'esta mesma cidade, que se acha auctorisado para contratar a venda das casas referidas.

Venda de terra

Por deliberação do conselho de familia e auctorisação deste juizo, vae á praça para pagamento de dividas no inventario a que se está procedendo por fallecimento de Antonio Paes da Cunha, de Mataduços, no dia 8 de abril proximo futuro pelas 11 horas da manhã, no tribunal judicial desta comarca uma propriedade de terra sita onde chamam — Caimado —, que parte do nascente com Manuel N. Teixeira, do poente com herdeiros de José Marques do mesmo logar. — O escrivão, Nogueira. (3)

ARCHIVO DRAMATICO

Publicação quinzenal

Edições Baratissimas

CADA ACTO 40 REIS

Empreza editora—J. A. Mattos, A. Rocha e Avelar Machado, director.

Publicou-se a 2.ª peça do «Archivo Dramatico» — CASAR SEM SABER COM QUEM, comedia em 1 acto, original do sr. Silva Costa, representada com geral applauso no theatro da Rua dos Condes.

As assignaturas para o «Archivo Dramatico» só podem ser feitas por séries de 3 mezes. Os srs. assignantes tem direito no fim de cada trimestre a um brinde; a empreza resolveu, não obstante o sacrificio pecuniario que d'elle lhe resulta, offerecer aos assignantes da 1.ª série, o retrato da talentosa e sempre chorada actriz do theatro normal—Manuella Lopes Rey.

Os srs. assignantes de Lisboa, poderão pagar no acto da entrega. A primeira série constará de 4 peças n'um acto e 2 em dois actos, na importancia de 320 rs. Para as provincias accresce o augmento da estampilha.

Para facilitar melhor a extracção das edições do «Archivo Dramatico», resultando d'ahi reconhecida vantagem para as pessoas que se quizerem encarregar da sua venda, a empreza satisfará qualquer encommenda — a prompto pagamento—, tanto para Lisboa como para as provincias, com o abatimento de 25 POR CENTO.

Assigna-se em Lisboa, no escriptorio da empreza, rua dos Douradores n.º 72—1.º andar, devendo toda a correspondencia ser dirigida a João Antonio de Mattos, socio administrador da empreza do «Archivo Dramatico».

Responsavel. — M. A. L. DE MESQUITA — *Typ. do* «**Districto d'Aveiro**.»